

Centralidade de Cacuo vive sérios problemas

Semanário Angolense
08 De Fevereiro de 2014



Depois de uma enxurrada que se abateu sobre Luanda, a equipa de reportagem do Semanário Angolense, viajou até à Centralidade de Cacuo, com vista a constatar os rumores, segundo os quais, a Centralidade de Cacuo debatia-se com a falta de água e energia eléctrica.

À nossa chegada ao novo conglomerado habitacional, deparámo-nos com jovens, mulheres sentadas com criança ao colo, com recipientes para água e materiais de limpeza. Abordámo-las e disseram: «somos trabalhadores de limpeza, trabalhadora de limpeza.»

O ambiente estava calmo, vendo-se aqui e ali algumas pessoas circularem; edifícios há que ainda se encontram fechados, a maior parte dos detentores de apartamentos, ou por falta de meios para lá chegarem ou por o sítio carecer de outras necessidades indispensáveis, vão adiando a sua mudança para o novo bairro, sendo, porém, já visível a aflicção dos poucos moradores.

Prosseguindo a nossa caminhada exploratória, encontramos uma instituição encerrada, que, ao que soubemos, é uma instalação da tristemente célebre EDEL; por detrás, jovens com bidões, de 25 litros, sobre a cabeça, acarretando água para suas respectivas casas.

Aliás, nunca se sentiu a presença do precioso líquido nas torneiras das casas da Centralidade de Cacuo. Outros cidadãos transportavam recipientes idênticos aos últimos, amarrados às costas, como se de bebés de tratasse, tudo para pelo menos encontrar alguém que os contratasse para qualquer trabalho doméstico.

Negócio da água é rentável

No decurso da ronda ao local, a equipa do SA cruzou-se com um jovem, de nome Marcos, que, conduzindo um motorizada de três rodas, carregava 20 bidões de água para os edifícios, custando cada recipiente 150 mil Kwanzas, Marcos, morador da vila de Cacuo, explicou que fazia os seus biscates nalguns mercados, como do Kikolo e do Panguila, mas, desde que se apercebeu do problema da falta de água na Centralidade, decidiu transportar água com o seu motociclo para os referidos edifícios.

Outras duas mulheres batalhadoras, com bebés ao colo, carregavam igualmente bidões de água em direcção ao bloco I, II, III e IV. Questionadas sobre onde carretam a água, uma delas respondeu que saía do bloco X, de onde a tiram gratuitamente, mas que, devido à

distância e à subida e descida das escalas para a cada casa, cobram entre 300 e 250 Kwanzas por cada recipiente.

Com isso quer dizer que os preços de cada bidão de água varia em função dos andares, se for do quarto para baixo 250 do quarto em diante 300 kwanzas. Donas de casa que abandonam as suas residência de manha cedo em direcção à Centralidade à procura de algum trabalho para o sustento de casa.

Rosa Sebastião, moradora da Centralidade, disse a este jornal que estão sem água desde que foram lá viver, porque, segundo os construtores da obra, esses edifícios estão numa inclinação e lá o líquido tem pouca pressão.

Também falta hospital

Para além da água, a Centralidade está desprovida de um hospital, administração local, os semáforos não funcionam, causando grandes transtornos aos automobilistas, principalmente no período da noite.

«Acarreto água para a minha casa, não tenho dinheiro para pagar as senhoras todos os dias, vivo com uma filha, uma neta e o meu marido, quantos bidões de água tenho de comprar para uma semana, é muito dinheiro gasto», reclamou Rosa.

Por seu lado, Manuel Tavares, igualmente morador, há dois meses, explicou que os mestres da obra alegaram que é necessário comprar alguns tubos colossais para inverter a situação da água, uma das principais necessidades carências, senão a principal.

Há algum tempo, também já se registava dificuldade em termos de energia eléctrica. Esse «centralista» revelou que outro problema que apoquenta os habitantes diz respeito à fragilidade das chaves dos apartamentos, que facilmente se destroem.

«As chaves são muito frágeis, já houve casos de moradores que, ao abrirem a porta, a chave partiu-se e ficou presa na fechadura, situação essa que forçou a que alguns a passassem a noite fora de sua casa e outros arrombassem a porta» informou Manuel.

Mosquitos, ratos, baratas...

Acrescentando que, nesses casos, muitos recorrem aos chineses para que estes ajudem a retirar a chave sem causar dano à porta. Caso contrário, a situação complica-se.

Segundo o nosso interlocutor, as dificuldades que enfrentam são piores que na periferia. Por uma questão de prevenção, ele mandou fazer cópia da sua chave, mas com um material mais resistente.

Outro incómodo é o jardim de capim à volta dos edifícios, que tem causado muitos mosquitos durante a noite. O mínimo movimento de pessoas é suficiente para agitar os mosquitos, a que se juntam baratas, ratos, formigas, perturbando o sossego dos moradores.

«Pelo menos que resolvessem mínimo das dificuldades antes da venda ou da distribuição das casas, eu, para ter água, tenho de movimentar a carrinha com bidões até à cidade», expressou.

Disse sentir receio de ali viver, pois os problemas a cada dia que passa vão-se multiplicando uns após outros», lamentou o morador, acrescentando que

até o tipo de blocos com os quais foram construídos os edifícios são frágeis, temendo que um dia as edificações venham a desabar, pelo facto de ouvir que algumas delas já apresentam fissuras.

«Para mim, estes prédios não têm resistência, pelo tipo de blocos com foram edificadas, prova disso, ao tentar esburacar a parede, ela desfaz-se como se fosse um bloco feito com massa fraca», desabafou.

Pensa que devia haver um controlo de nivelamento dos prédios a cada cinco meses para que houvesse melhor verificação da estrutura. «Mas, por fora, a estrutura arquitectónica é uma beleza», admitiu o residente. Entretanto, alguns prédios da Centralidade do Kilamba, propriamente no bloco X, também estão com alguns problemas de energia eléctrica.